

RÁDIO 9 DE JULHO

AJUDE A PÔR ESSA IDÉIA NO AR!



30 de novembro e 1º de dezembro - 96
Coleta para Obras Diocesanas

NOSSA RÁDIO CONTA COM SUA PARÓQUIA

Outras informações:
VICARIATO DA COMUNICAÇÃO DA
ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO
Telefone: (011) 826-0133

A VERDADE PNEUMATOLÓGICA NO ANTIGO TESTAMENTO

Pe. Dr. Benedicto Bení dos Santos

Na questão do desenvolvimento da pneumatologia na Igreja Ocidental, o Concílio Ecumênico Vaticano II é um marco relevante. Não que ele tenha elaborado uma doutrina organizada e completa sobre o Espírito Santo. Mas existe nele a consciência da presença da ação do Espírito em toda a vida eclesial e sua doutrina é desenvolvida numa perspectiva pneumatológica. Como observou João Paulo II na Encíclica *Dominum et Vivificantem*: “O ensino deste Concílio é essencialmente *pneumatológico*: impregnado da verdade sobre o Espírito Santo, como alma da Igreja. Podemos dizer que, no seu rico magistério, o Concílio Vaticano II contém, praticamente, tudo o “que o Espírito diz às igrejas” em função da presente fase da história da salvação”¹.

Os resultados da perspectiva pneumatológica do Vaticano II se fizeram sentir imediatamente não só no campo da espiritualidade, do magistério e da pastoral, mas, também, no campo da teologia e dos estudos bíblicos. No campo da teologia existe, hoje, a tentativa de se refazer toda a teologia numa pers-

pectiva pneumatológica. Ainda mais, após o Concílio, começaram a aparecer os grandes tratados sobre o Espírito Santo. Esses tratados tem buscado, na Revelação, uma base para a teologia do Espírito. Não só na revelação contida no Novo Testamento, cujo principal texto é o discurso de Jesus na última ceia; também na Revelação registrada no Antigo Testamento. Neste artigo, pretendo desenvolver esse tema, sublinhando, na análise, a contribuição da Revelação do Antigo Testamento para a pneumatologia. Considerando a ação do Espírito na antiga aliança, no tempo do Jesus histórico e no tempo da Igreja, podemos compreender o sentido e a coerência de sua ação. Ele sempre agiu, mas, em cada período da história da salvação, age de modo novo.

Começemos pelo vocábulo. A palavra *espírito* corresponde ao vocábulo “*ruah*” em hebraico. Trata-se de um vocábulo feminino. Esse fato é, teologicamente, significativo. Por exemplo, o evangelho apócrifo segundo os Hebreus coloca na boca de Jesus estas palavras: “Há pouco

1 JOÃO PAULO II, *Dominum et Vivificantem*. Loyola, São Paulo, 1986, 26

me segurou minha mãe, o Espírito Santo, por um dos meus cabelos e me levou ao grande monte Tabor”². Segundo São Jerônimo³, o autor do evangelho se serve do gênero gramatical da palavra “ruah” para explicar a relação materna do Espírito Santo para com Jesus. De fato, Maria tornou-se mãe do Verbo de Deus feito homem pela ação do Espírito Santo. Portanto, o Espírito está na origem da maternidade humana de Jesus. A versão dos Setenta traduziu a palavra “ruah” por “pneuma”, que, em grego, é neutra. Finalmente, a Vulgata o traduziu pelo vocábulo masculino “spiritus”.

A palavra “ruah” aparece 378 vezes no Antigo Testamento. Geralmente, os tratados de pneumatologia apontam três significados no uso deste vocábulo no Antigo Testamento: o cosmológico, o antropológico e o teológico.

Quanto ao sentido cosmológico, o vocábulo significa não simplesmente *ar*, mas *ar em movimento*, isto é, *vento*. Os povos do antigo Oriente costumavam divinizar o vento por causa de seu caráter misterioso. Nin-

guém vê o vento. Ele não tem forma. Como afirma o Evangelho⁴, não sabemos de onde ele vem nem para onde ele vai. Os babilônios personificavam e, por vezes, divinizavam o vento forte e a brisa mansa⁵. O Antigo Testamento, porém, não diviniza o vento, embora reconheça seu caráter misterioso. Considera-o criatura da qual Deus se serve, livremente, para salvar ou punir.

No sentido antropológico, “ruah” designa, antes de tudo, a respiração, o hálito que é sinal de vida, força vital, movimento de dentro para fora. Por exemplo, os ídolos de pedra ou de madeira não possuem “ruah”, ou seja, nenhuma força vital⁶. Em Ezequiel, Iahweh concede o seu espírito para que os ossos secos se revistam de tendões, carne e pele e se tornem corpos vivos⁷. Se Iahweh retira a sua “ruah”, o ser humano se torna pó⁸. No sentido antropológico, “ruah” designa certos estados psicológicos. O triste, o atribulado são chamados “atribulados de espírito”⁹. Nesse sentido ainda, “ruah” é paralelo ao conceito de alma (*nefes*), princípio de vida. Por fim, designa o

coração, núcleo espiritual da pessoa. O Salmo 51 fala do “coração puro”, de um “novo espírito constante” e de um “espírito generoso”¹⁰. É nesse núcleo pessoal que o homem está em relação com Deus. “A maioria dos textos que tratam da *ruah* de Deus ou dos homens mostra Deus e o homem em relação dinâmica. O fato de que um homem com *ruah* é vivo, faz o bem e age com autoridade, não vem dele mesmo”¹¹.

Neste artigo, interessa-nos, sobretudo, o sentido de “ruah” como força dinâmica divina que se manifesta na criação e na história. Trata-se daquela força misteriosa através da qual Deus age e faz agir, opera e faz operar. Neste sentido, podemos distinguir diversos aspectos:

a) Espírito e Criação

No relato da criação, o “espírito” (*ruah Elohim*) pairava sobre a superfície das águas primitivas para fecundá-las e ser princípio ordenador frente ao caos primitivo. Juntamente com a Palavra que dá o ser e transforma o caos em cosmos (conjunto organizado), o Espírito de Deus desempenha, na criação, um papel de animação principalmente no que se refere à criação do homem.

Com a terra fecundada pelo Espírito será formado o corpo do homem, observa Sergej Bulgakov¹². Ainda mais: depois de ter formado o corpo do homem, Deus “insuflou-lhe nas narinas um hálito de vida, e o homem tornou-se um ser vivo”¹³. A palavra *hálito* (*nesahama*) é sinônimo de “ruah”, *espírito*. No homem há, pois, um sopro de vida que é semelhante ao sopro ou espírito de Deus.

A ação do Espírito se encontra, também, na origem da nova criação, segundo o profeta Ezequiel. O relato do capítulo trinta e sete se refere não só à libertação do povo do exílio, mas, também, anuncia a ressurreição, evento da nova criação. Na concepção do profeta, o Espírito é não só aquele que anima todo o universo mas, também, dá vida a um povo desanimado, desarticulado, que já não se considera mais povo. A luz do evento principal do Novo Testamento - a páscoa de Jesus - a profecia de Ezequiel pode ser considerada um anúncio importante da ressurreição.

b) Espírito e Libertação

Esse aspecto aparece, em primeiro lugar, no caso dos Juízes. São eles, quase sempre, pessoas simples

2 *Fragmentos dos Evangelhos Apócrifos* (nº 5). Vozes, Petrópolis, 1989, 28-29

3 Cf. *Ibid*

4 Cf. Jo 3,8

5 VV.AA. *O Espírito Santo na Bíblia*. Paulinas, São Paulo, 1988, 26

6 Cf. Ez 37, 6,8-10

7 Cf. Ez 37,6

8 Cf. Sl 104,29

9 Cf. 1Sm 1,15; Gn 26,35

10 Sl 50/51, 12-14

11 HANS, WALTER WOLFF. *Antropologia do Antigo Testamento*. Loyola, São Paulo, 1975, 60

12 Cf. SERGEJ BULGAKOV. *Il Paraclito*. Dehoniane, Bologna, 1987, 311

13 Gn 2,7

é frágeis. São porém suscitados pelo Espírito de Deus, que deles se aposa, dotando-os, de certo modo, de uma nova personalidade. Torna-os capazes de realizar ações audaciosas em vista da libertação do povo. O caso mais típico é o de Sansão. Quando recebe o Espírito, ele se transforma num herói. Dilacera um leão, vence trinta homens, arrebenta as cordas que o amarravam¹⁴. Igualmente, quando o Espírito se apodera de Otoniel, Gedeão, Jefté e Saul, adquirem eles capacidade de realizar gestos heróicos e obter grandes vitórias¹⁵. “O Espírito de Deus, nestes casos, é doador de uma força extraordinária, da coragem nas decisões, por vezes de uma habilidade estratégica, pelo que o homem é tornado capaz de desempenhar a missão que lhe foi confiada para a libertação e guia do povo”¹⁶.

Ao contrário dos Juízes, a missão de seus sucessores, os Reis, é uma missão permanente. A unção real os capacita para uma tarefa permanente. Por isso mesmo, o dom do Espírito lhes é concedido como carisma permanente. É significativa, a propósito, a unção de Davi: “Samuel apanhou o vaso de azeite e ungiu-o na

presença de seus irmãos e o Espírito de Iahweh precipitou-se sobre Davi, deste dia em diante”¹⁷.

Na prática, a unção ritual não foi suficiente para tornar os reis, com raras exceções, capazes de promover, em Israel, a justiça e a paz e garantir-lhe a salvação. Para isso, é necessária uma unção mais penetrante do Espírito, realizada diretamente por Deus no Rei-Messias. O seguinte texto do primeiro Isaías o ilustra suficientemente: “Um ramo sairá do trono de Jessé, um rebento brotará de suas raízes. Sobre ele repousará o Espírito de Iahweh, espírito de sabedoria e de inteligência, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de ciência e temor de Iahweh: sua inspiração está no temor de Iahweh, ele não julgará segundo a aparência, não dará sentenças apenas por ouvir dizer. Julgará os fracos com justiça, com equidade pronunciará uma sentença em favor dos pobres da terra. Ferirá a terra com o bastão da sua boca e com o sopro de seus lábios matará o ímpio. A justiça será o cinto de seus quadris e a fidelidade o cinto de seus rins”¹⁸. Este rei da descendência de Davi pertence ao quadro monárquico. O texto expressa, em linguagem utópica, a confiança

que o povo depositava no rei. A presença do Espírito, mencionada pelo texto, não é uma presença comum. Trata-se de uma presença extraordinária. São funções do Messias a sabedoria para que possa proporcionar felicidade ao povo, salvá-lo por ocasião da guerra, sobretudo exercer a justiça verdadeira, principalmente para os pequeninos. Mas, aqui, vem algo importante: a capacidade que o Rei tem de exercer suas funções não provém do cargo, mas é dom do Espírito. A Encíclica *Dominum et Vivificantem*, após observar que a revelação neotestamentária identifica esse personagem misterioso, de que fala Isaías, com Jesus, conclui: “Este texto é importante para toda a pneumatologia do Antigo Testamento, pois constitui como que uma ponte entre o antigo conceito bíblico de “espírito”, entendido primeiro que tudo como “sopro carismático”, e o “Espírito” como pessoa e como dom, dom para a pessoa. O messias da estirpe de Davi (“o Tronco de Jessé”) é precisamente essa pessoa, sobre a qual “pousará” o Espírito do Senhor. É evidente que, neste caso, não se pode ainda falar da revelação do Paráclito; todavia, com essa alusão velada à figura do futuro Messias, abre-se, por assim dizer, o caminho que, uma vez

demandado, vai preparando a revelação plena do Espírito Santo na unidade do mistério trinitário, a qual se tornará manifesta, finalmente, na Nova Aliança”¹⁹.

c) Espírito e Palavra

O vínculo forte entre Espírito e Palavra é próprio da tradição profética. É necessário, porém, distinguir, neste caso, os antigos “nabis”, que possuíam, transitoriamente, o dom profético, dos profetas propriamente ditos, a começar de Elias.

Os antigos “nabis” são forças vivas no meio do povo. Dão testemunho da presença de Deus em determinados momentos. Já têm consciência de que a palavra que pronunciam vem deles mas não nasce deles. Percebem que foram possuídos por uma força divina. A título de ilustração, costuma-se citar um texto do livro dos Números²⁰. O Antigo Testamento registra diversas crises durante a caminhada de Israel pelo deserto. Nos capítulos de 11 a 17 de Números são mencionadas sete rebeliões. Por isso, Moisés percebeu que sozinho já não era mais capaz de conduzir o povo. Deus lhe ordena que escolha setenta anciãos como colaboradores. Estes mesmos anciãos vão aparecer em outras ocasiões ao seu lado²¹, especialmente por

14 Cf. Jz 13,25; 14,6,19; 15,14s

15 Cf. Jz 3,10; 6,34; 11,29; 1Sm 11,65

16 JOÃO PAULO II. *Osservatore Romano* (21/jan/1990) 12. (ed. port)

17 1Sm 16,13

18 Is 11,1-5

19 JOÃO PAULO II. *Dominum et Vivificantem*. Loyola, São Paulo, 1986, 15

20 Cf. Nm 11,16-17-30

21 Cf. Ex 17,5; 18,12; Nm 16,25

ocasião da conclusão da aliança²². Quando os anciãos se encontravam ao redor da Tenda, “o Espírito desceu na nuvem. Falou-lhes e tomou do espírito que estava em Moisés e colocou sobre os setenta anciãos. Quando o Espírito repousou sobre eles, profetizaram, porém, nunca mais o fizeram”²³. Aqui, a “ruah” é um conjunto de forças distribuídas pelas pessoas. Da “ruah” que está em Moisés é tirada uma parte para ser distribuída entre os anciãos. Porém, dois anciãos, Eldad e Medad, que não haviam comparecido à reunião, também profetizaram.

Este antigo texto apresenta o dom do Espírito como sinal divino de aprovação para o exercício de um ministério. Mostra a liberdade do Espírito: age dentro do ritual prescrito, mas, também, fora dele. Ação imprevista e incontrolável. Mas existe ainda, no texto, um pormenor significativo. Enquanto o dom carismático do Espírito é concedido sempre a indivíduos (chefes, juizes, reis), o texto, de certo modo, anuncia, em esperança, um dom futuro do Espírito sobre todo o povo. Quando Josué, filho de Num, pede a Moisés que proíba a Eldad e Medad profetizar, pois não haviam comparecido

à reunião ritual, Moisés exclama: “Estás ciumento por minha causa? Oxalá todo o povo de Iahweh fosse profeta, dando-lhe Iahweh o seu Espírito”²⁴.

A partir de Elias, o dom carismático da profecia torna-se permanente. Os profetas são, por excelência, os homens do Espírito. A Palavra se torna a sua arma. É o Espírito que os mantém de pé para falar ao povo e anunciar o julgamento de Deus: “Entrou em mim um espírito que me fez por de pé; ouvi, então, o que me dizia”²⁵.

d) Espírito Redentor

Este aspecto da revelação do Espírito aparece, sobretudo, na figura do *Servo de Iahweh* que desenvolve um ministério de libertação e redenção. O texto principal, para ilustrá-lo, encontra-se no Segundo Isaías: “Eis o meu Servo que eu sustento, meu eleito em quem me comprazo. Pus sobre ele o meu espírito, ele trará o julgamento às nações. Ele não clama, não ergue a voz... Não quebra a cana esmagada, não apaga a torcida bruxuleante; com fidelidade traz o julgamento. Não vacila nem desacorçoa até que estabeleça o julgamento na terra e as ilhas esperam o seu julgamento”²⁶.

O Servo de Iahweh é, na realidade, uma síntese da missão messiânica e da missão profética. Afirmo o texto que Deus colocou sobre ele o seu Espírito e que anunciará a justiça às nações. Ora, é o profeta que anuncia a justiça, mas é o rei que a estabelece. O Servo ainda será o mediador da nova aliança e a luz dos povos. Toda a sua missão é obra do Espírito de Deus que repousa sobre ele. O texto do Segundo Isaías, o profeta do exílio, mostra também que o Servo realizará a sua missão com uma mansidão que implica uma atitude de abertura universal. O anúncio da justiça a todas as nações é uma missão que supera a de qualquer outro profeta. Ainda mais, o versículo sete mostra que a justiça que o Servo restabelecerá na terra não será algo exterior como a promulgação de um código. Restabelecerá a justiça, começando por abrir os olhos aos oprimidos. Trata-se pois de estabelecer a justiça no sentido de despertar a consciência dos direitos do homem. É do Espírito que o Servo receberá a força para realizar a sua missão, principalmente a disponibilidade para a oblação de si mesmo. A Encíclica *Dominum et Vivificantem*, após citar os diversos textos de Isaías sobre o Messias e o Servo, conclui:

“Os textos proféticos que acabam de ser apresentados devem ser lidos por nós à luz do Evangelho. O Novo Testamento, por sua vez, adquire um esclarecimento particular da admirável luz contida nestes textos veterotestamentários. O profeta apresenta o Messias como aquele que vem com o Espírito Santo, como aquele que possui em si a plenitude deste Espírito; e, ao mesmo tempo, é portador dele para os outros, para Israel, para todas as nações, para toda a humanidade”²⁷. Não podemos nos esquecer que o dom do Espírito e sua ação nos Juizes, nos reis, no Messias, nos profetas e no Servo constitui, na realidade, um anúncio de uma efusão escatológica do mesmo Espírito sobre todo o povo. Essa efusão será semelhante à chuva que torna a terra fecunda²⁸ e ao sopro de vida que vem animar ossos ressequidos²⁹. Trata-se, neste caso, não só da libertação do povo, mas também anuncia a ressurreição, evento da nova criação. De fato, na concepção de Ezequiel, o Espírito é aquele que não só anima todo o universo mas, também, ressuscita um povo desanimado, desarticulado, que já não se considera mais povo.

e) O Espírito e a Aliança

Podemos ainda, seguindo a teologia de Ezequiel e também de Jeremias, falar da linha da aliança.

22 Cf. Ex 24,1-2,9-6

23 Nm 11,25

24 Nm 11,29

25 Ez 2,2

26 Cf. Is 42,1-7

27 JOÃO PAULO II. *Dominum et Vivificantem*. Loyola, São Paulo, 1986, 16

28 Cf. Is 32,15; 44,3; Ez 36,25; J13,1s

29 Cf. Ez 37

Após anunciar a reedificação de Israel, o profeta cita uma promessa: "Dar-vos-ei um coração novo e porei em vós um espírito novo; arrancarei o coração de pedra de vossas carnes e dar-vos-ei um coração de carne. Porei dentro de vós o meu espírito e farei que caminheis nos meus estatutos e observeis os meus ditames e os ponhais em prática"³⁰. Trata-se de uma aliança nova, diferente da anterior, realizada após a libertação de Israel do cativo. Não será uma descoberta racional da lei de Deus. O Espírito será infundido no interior do homem (coração), no núcleo espiritual de sua pessoa. E, com o dom do Espírito, a lei de Deus será colocada no íntimo do ser humano. Essa realidade tem uma dimensão moral³¹.

O salmo 50/51 desenvolve o mesmo tema de Ezequiel: "Criei em mim, ó Deus, um coração puro e infundí em mim um novo espírito constante. Não me expulsem de vossa presença, nem retirei de mim o vosso Santo Espírito. Restitui-me a alegria da vossa salvação e sustentai-me com um espírito generoso"³². A criação desse ser novo, a partir de dentro, implica uma nova vida religiosa e moral. A firmeza de que fala o salmo é a força de Deus que penetra no coração do ser humano.

f) O Espírito e a Sabedoria

Para completar essa visão muito geral da revelação do Espírito no Antigo Testamento é necessário, também, fazer uma referência ao Livro da Sabedoria, redigido no limiar do Novo Testamento em ambiente helênico. Ele oferece uma resposta às grandes questões da existência humana. Como observou Yves Congar, nestes escritos, a ação da Sabedoria se situa bem próxima da ação do Espírito "até o ponto de dar a impressão de que identifica as duas realidades"³³. De diversas maneiras a Sabedoria parece identificar-se com o Espírito: Ela possui um espírito ou é um espírito, atua na forma de espírito. Além do poder, diversas funções do Espírito lhe são atribuídas: exerce um papel cósmico universal, suscita os profetas, é guia do povo eleito e, conseqüentemente, da humanidade, é mestre interior das almas. "A assimilação se estende a tantos pontos de uma só vez que a Sabedoria aparece, antes de tudo, como sublimação do papel desempenhado pelo Espírito no Antigo Testamento. Isto explica porque alguns Padres da Igreja a consideram como uma prefiguração, não só do Verbo, mas também do Espírito San-

to"³⁴. Se tomarmos, pois, os textos referentes à Sabedoria, como uma sublimação do papel desempenhado pelo Espírito, eles nos mostram, apesar do monoteísmo rigoroso da religião judaica, certa "personalização" do Espírito e de sua natureza. Trata-se de um espírito que permanece único e, ao mesmo tempo, é princípio de vida nova e de reta conduta³⁵.

Conclusão

A partir da análise realizada, é possível indicar alguns elementos importantes para a pneumatologia. Existem, no Antigo Testamento, diversas imagens para se falar do Espírito. Sem dúvida, a mais significativa e profunda é a "ruah". Ela irá aparecer no Novo Testamento. Este termo, mesmo não designando uma pessoa divina, mostra que Deus é um ser misterioso e espiritual, que intervém no mundo, na história e na vida dos homens. Mostra Deus se comunicando para fora de si mesmo: voltado para o ser humano e, ao mesmo tempo, através da ação do Espírito, impelindo o ser humano para acolhê-lo. É, pela ação do Espírito que o encontro se realiza.

A noção de espírito não implica uma oposição ao corporal. Trata-se, ao contrário, de uma energia vital, "de uma corporeidade sutil do que de uma substância incorpórea"³⁶. É uma força que procede de Deus e estabelece a relação entre Deus e o ser humano, entre Deus e a Criação, relação livre que cria a união sem nenhuma mistura ou confusão.

No Antigo Testamento, o Espírito ainda não é revelado como pessoa, mas como uma força misteriosa pela qual Deus está em ação no mundo. A Encíclica *Dominum et Vivificantem* apresenta a razão deste fato: "Quer em Isaías, quer em todo o Antigo Testamento, a personalidade do Espírito Santo se acha completamente escondida na revelação do Deus único, bem como no anúncio profético do futuro Messias"³⁷. Podemos dizer que o Antigo Testamento conhece os frutos da ação do Espírito, antes mesmo de conhecê-lo como pessoa. A partir dessa experiência, fica-se preparado para conhecê-lo como pessoa no Novo Testamento. Mas, se tomarmos os textos referentes à Sabedoria como sublimação do papel desempenhado pelo Espírito no Antigo Testamento, eles mostram, apesar do

30 Ez 36,26-28; cf. Jr 31,31,33

31 Cf. JOÃO PAULO II. *Osservatore Romano* (4/mar/1990), 12 (Ed. port.)

32 Cf. Sl 50/51, 12-14

33 IVES J. M. CONGAR. *El Espíritu Santo*. Herder, Barcelona, 1983, 37

34 Cf. *ibid*, 37-38

35 Cf. *ibid*, 39

36 PH. H. NENOUD. "Espírito Santo", in: *Vocabulário Bíblico*. Aste, São Paulo, 1972, 37

37 JOÃO PAULO II. *Dominum et Vivificantem*. Loyola, São Paulo, 1986, 17.38

monoteísmo rigoroso da religião judaica, certa "personalização" da natureza do Espírito.

Outro ponto importante é a vinculação entre Espírito e Palavra. O Espírito age, sobretudo, através da Palavra. Esta é a sua arma. Nenhuma vocação profética existe sem o dom e a ação do Espírito em vista do anúncio da Palavra. Foi pelo Espírito que os profetas falaram. Esta realidade se transforma em convicção no Novo Testamento. Esta relação entre Espírito e Palavra é sublinhada por Lambiasi: "De uma parte, a realidade da Palavra deve ser sustentada pelo Espírito: o profeta dá testemunho da Palavra porque é alcançado pelo Espírito; o Servo leva a Palavra às nações, porque o Espírito repousa sobre ele; o Messias será fiel à Palavra da lei dada por Deus a Moisés, enquanto sustentado pelo Espírito; Israel observará a Palavra da aliança porque terá o Espírito de Iahweh no coração. De outra parte, o Espírito terá necessidade da Palavra, porque, por si só, o Espírito permanece invisível; só através da Palavra pode ser reconhecido e autenticado, só através da mediação da Palavra a sua ação supera o risco de resultar confusa e obscura. O Espírito sem a Palavra é mudo, a Palavra sem o Espírito é morta"³⁸.

Outro elemento importante para a pneumatologia diz respeito à teologia da história. Os dados do Antigo Testamento mostram, claramente, que a ação do Espírito não é paralela à ação humana nem a substitui. A ação do Espírito faz com que o homem seja sujeito. Leva-o a agir, criativamente, para transformar a realidade segundo a inspiração de Deus.

A ação do Espírito está, também, relacionada com a conduta moral. Antes de Isaias não lhe é atribuído nenhum efeito moral. A partir dele, porém, nos livros proféticos, o Espírito se torna princípio ativo de vida e de renovação moral, principalmente em relação ao futuro messiânico. É da aliança, cuja sede é o coração, que deriva o agir moral. O Espírito dá a capacidade de discernir o bem, de praticar a justiça e outras virtudes morais. Ainda, como elemento pneumatologicamente relevante, podemos indicar o aspecto materno da compreensão da ação do Espírito. Seu nome, em hebraico, é do gênero feminino. E, no início da criação, Ele paira, para "fecundar" a terra da qual será formado o corpo do homem, que recebe de Deus o sopro da vida.

Enfim, a existência do Espírito, ainda que não concebido como pessoa no Antigo Testamento, leva à

consciência de que Deus, apesar da sua transcendência (Ele é o Mistério, o Totalmente Outro) é, também, uma alteridade; alguém voltado para o homem. Portanto, a sua comunicação ao ser humano através da Revelação é, de certo modo, algo espontâneo e corresponde a certas características da condição humana. Encontra-se aqui a base dessa realidade misteriosa com a qual Deus sem-

pre envolveu o homem: a graça. Ela é algo totalmente gratuito mas, ao mesmo tempo, devido ao ser humano. É a dialética do Amor.

Pe. Dr. Benedicto Bení dos Santos é professor titular e Diretor dos cursos de pós graduação na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.
End.: Av. Nazaré, 993 - Ipiranga
04263-100 São Paulo- SP
Telefone: 274-8600

38 FRANCESCO LAMBIASI. *Lo Spirito Santo: mistero e presenza*. EDB, Bologna, 1987, 47